

N.º 3.

Leija apprensada as possessões de Lycurgus
Cointinuação da obra de R. G. S. de
Y. de
de R. de M. de M. de M. de M.

Qual a missão dos autores que
entrão nas técnicas das artes
ciais?



Dissertação

N.º 3



Director



T. J. C.

2
F. de M. Moran - Banguana

sup, comum est animi et laud
-stus est animi et laud
S. 2017



serenos breves, e resumidos pa-
ra nos accommodarmos ao
espírito da Lei, e a' escassês
do tempo, de que podemos
dispor.

Qual seja o principio d'acção,
que os nervos dispensão aos orgãos=
tem sido materia mui de-
batida entre os diversos
physiologistas. Em eras
mais abrectadas, quando
talvez ainda a Medicina
se achava debaixo da in-
fluencia de ideas super-

F. R. Moran & Barjona

que por isso foi abandonada por outra não menos infundada: que tal era a opinião dos que julgavam o principio nervoso = um producto de secreção cerebral =

Mas depois dos trabalhos de Galvani, alguns Physiologistas começaram a suspeitar, e por ultimo erigiram em principio = que a força nervosa,

Z. H. Norman. Barjonia

factos, quando bem averiguados, fallão em desabono desta theoria: e as experiencias allegadas para a comprovar, repetidas com todos os escrupulos, que demandão estes objectos; ou poem em duvida a boa fé dos seus authors, mostrando o contrario das suas asserções; ou nada provarão contra

J. A. de Noor. Baixo

a existencia de um prin-
cipio nervoso, sui generis,
ainda que, talvez, da
natureza dos imponde-
rveis.

Os galvanometros mais
sensveis tem sido appli-
cados aos nervos em di-
versos estados, e em
circunstancias diversas,
e todavia, quando as

8
Z. H. Morton. Grayson

as experiencias são bem fei-
tas, a agulha não se
desvia, como observou
Matteucci na experien-
cia do nervo sciatico
do cavallo; e como o pro-
prio Prevot e Dumas
nos nervos pneumo-gas-
tricos d'um animal são;
e nos pleyos sciaticos de
outro animal affectado
de tetanos, poro de em com-
municacão as extremi-
dades d'um galvanome

H. de Morron. ~~Os nervos~~ 9

galvanometro com os cordões
nervosos no momento em
que elles transmittião as
fibras musculares a in-
fluencia irritante.

Entre tanto ou as extre-
midades fossem applica-
cadas a diversas partes
dos nervos intactos, ou
as extremidades superior
e inferior do nervo divi-
dido, nunca se manifes-
tou a accão electro-motriz.

Dr. H. M. Brown. Boston

Person who the poles of
galvanometer in com-
munication with the par-
tes anteriores e postero-
res da medulla de gatos,
cães, e coelhos; fez pene-
trar os fios em diferen-
tes pontos da espessura
de muitos nervos volu-
mosos, esperando que os
por esta forma em
comunicação com as
correntes dirigidas em

H. J. de Moura, O. 9. injectores

em sentido inverso; repetio
as experiencias depois de
ter injectado no abdomen
tintura de raíz vomica,
afim de poder excitar a
vontade as contrações
musculares: yorem nun-
ca yercebeo hum indicio
de electricidade: notou-
do-se, que elle se servio de
galvanometros de hum
extrema sensibilidade.

David yorem, e

Dr. H. M. Moore. Boston

e com elle os sectarios da doutrina electro-physiologica, dizem ter achado a presenca da electricidade no systema nervoso.

Segundo a sua assercao, elle encontrou humma corrente capris de desviar de humma maneira sensivel a agulha do multiplicador: mas como elle não nos dá

13
H. H. Norman. By experiment

os detalhes da experiencia,
este facto nada prova.
Nem as experiencias das
agulhas, feitas por Be-
rardi são mais conclu-
dentes. Luyet, que as
repetiu ^{na} obteve os mesmos
resultados.

Batidos neste campo,
os partidarios da dou-
trina electro-physiolo-

J. B. de Moron. Obra póstuma

physiologica pretendem
sustentá-las, que os meios
d'observação são incapaz-
es de mostrá-las as corren-
tes electricas no systema
nervoso: eis aqui porque

Peixes há [os gymno-
tus, as tramélgas &c.] que
despedem descargas ele-
ctricas; logo, dizem elles,
tão bem as deve haver
nos outros animais, ain-

15
Dr. H. H. Norman, G. A. M. D.

ainda que em menor quan-
tidade.

Mas este argumento
não cabe por deprivada
de de circumstancias.

Nos peixes electricos há
hum apporrethe proprio,
que se não dá nos outros
animaes &c Mas quan-
do o que deixo dito não
bastasse para destruir
a doutrina electro-phy-
siologica, o corte, a liga

H. P. Moran. P. 98

ligaduras, a destruição dos nervos, comportando-se differentemente para com a acção nervosa, e para com a electricidade, mostram-nos, que estes são agentes diversos, ainda que talvez da mesma natureza.

Ainda que nos nervos não resida exclusivamente o principio da vida

17
H. de ... B. ...

pois que deste são elles hum
producto, e vitaes são os
phenomenos da evolucao
do ovo, que determina a
formacao do eixo cerebro-
espinhal, e do punctum sa-
tiens, da alantoidia &
com tudo e certo, que elles
ministrão algum prin-
cipio para alimentacao
da forca.

O principio vital, formam

G. H. Brown. Ph. D.

Formando cada hum dos
 orgãos, conserva-os em
 mutua dependencia; e do
 concurso de todas as ac-
 ções dos diversos orgãos, li-
 gados pelos systemas san-
 guineo e nervoso, resulta
 a vida.

Mas nem todos os ner-
 vosprehendem na econo-
 mia os mesmos fins:
 uns são destinados, para

19.
W. H. Brown. Oculis neri

para os movimentos; outros
para sensações; e outros
finalmente para a vida
do indivíduo, e da reproduc-
ção da espécie. Ha nervos
da vida animal, e da
vida organica.

São destes ultimos os
nervos, que se distribuem
nas arterias; e ja isto nos
quer dizer, que a sua pre-
sença nas tunicas das ar-

J. H. Merritt. Boston

arterias e' relativa ás fun-
ções da nutrição.

Sabe-se, que as arte-
rias são canais destina-
dos a levar o sangue do
coração ás diferentes
partes da economia:
mas são ellas tubos iner-
tes? De certo que não.

O sangue tem a vencer
resistencias, que no seu tra-

21
Z. H. ... Moran. O artigo no

trajecto encontra; e a força
propulsiva do coração seria
por si só insufficiente pa-
ra o fazer percorrer todo
o trajecto circulatório.

As experiencias de Mal-
pighi e de Poiseuille proem
fora de toda a duvida
a accção, que as arterias
fornecem na função da cir-
culação.

Embora se diga, que
essa accção das arterias de

G. A. de Moraes. O coração

depende da sua elasticidade; pois como as suas tunicas são tecidos vivos, e por isso dependentes de cada humo das partes, que entram na sua textura, já não podemos duvidar, de que a presença dos nervos nas tunicas das artérias tenha influencia no movimento do sangue.

Tem-na ainda em quanto que anima as paredes

23
Z. B. de Moraes Parjona

das arterias; pois que o sangue em contacto com superficies mortas, altera-se, decompoem-se, e por isso se torna incapaz de atravessar a inextinguivel rede dos capillares.

A contracção activa das arterias, ainda que contestada por Richat, é um facto, que Himmermann, Lorry, Hastings, Bilker, e outros poseroem fora de duvida; sendo sem re-

Z. A. M. Nassau. Barjona.

replica a experiencia em
que Bome pondo um al-
cali nos filletes cervicaes
do grande sympathico
d'um coelho, viu a arte-
ria carotida animada
de movimentos convulsivos.

E por que haviamos nos
de recusar ás arterias, e
que concedemos aos capit-
lares? Por ventura alguem,
de boa fe' negara a influ-
encia nervosa na circu-

Morras. Barjo no

na circulaçao destes vasos?
Os phenomenos da ereccao,
da turgencia vital do ute-
ro na gravidã; os da in-
flamaçao, e das mudançã,
de cor nas faces pelas im-
pressões moraes,ahi es-
tao para provar a accão
dos nervos na circulaçao
capillar. Mas a arteria
passa insensivelmente cha-
ra capillar: logo os nervos
das tunicas das arterias,
alem da sua nutricao

Barjo no



Dr. H. M. Moraes. Barjona

nutrição e presidente do movimento do sangue.

Coimbra 12 de Janeiro de 1855

Seu vinte e seis paginas por mi rubricadas.

Dr. H. M. Moraes. Barjona

Calisto Ignacio de Almeida Torres



El Sr. D. Juan M. de los Rios

de la Real Academia de Ciencias y Artes de San Fernando

Comunicacion de 11 de Febrero de 1855

para que se acuerde lo que corresponde por el presente

El Sr. D. Juan M. de los Rios





